

PAULO CÉSAR DE SOUZA

# As palavras de Freud

*O vocabulário freudiano e suas versões*

Copyright © 1998, 2009 by Paulo César Lima de Souza

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

*Preparação*

Célia Euvaldo

*Revisão*

Huendel Viana

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Souza, Paulo César de

As palavras de Freud : o vocabulário freudiano e suas versões /  
Paulo César de Souza — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1611-9

1. Freud, Sigmund, 1856-1939 2. Psicanálise-Linguagem  
3. Psicanálise — Traduções 4. Tradução e Interpretação I. Título.

---

10-00609

CDD-150.1952

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Freud, Sigmund : Vocabulário : Tradução e interpretação 150.1952  
2. Vocabulário freudiano : Tradução e interpretação 150.1952

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

# Sumário

|   |     |
|---|-----|
| PREFÁCIO À NOVA EDIÇÃO . . . . .                      | 9   |
| PREFÁCIO . . . . .                                    | 13  |
| INTRODUÇÃO . . . . .                                  | 17  |
| <br>  |     |
| I. ESTILO E TERMINOLOGIA DE FREUD . . . . .           | 23  |
| <br>  |     |
| II. A EDIÇÃO <i>STANDARD</i> INGLESA . . . . .        | 83  |
| Importância e origem . . . . .                        | 83  |
| <i>Ich/ ego/ moi, Es id/ ça</i> . . . . .             | 92  |
| <i>Besetzung/ cathexis/ investissement</i> . . . . .  | 99  |
| <i>Verdrängung/ repression/ refoulement</i> . . . . . | 112 |
| <i>Vorstellung/ idea/ représentation</i> . . . . .    | 121 |
| <br>  |     |
| III. AS <i>ŒUVRES COMPLÈTES</i> . . . . .             | 146 |
| Gênese e orientação . . . . .                         | 146 |
| A recepção na França . . . . .                        | 162 |
| Crítica de seus pressupostos . . . . .                | 182 |
| <i>Angst/ anxiety/ angoisse</i> . . . . .             | 196 |

|  |     |
|--|-----|
| <i>Nachträglich/ deferred action/ après-coup</i> . . . . . | 204 |
| <i>Verneinung/ (dé) négation/ negation</i> . . . . .       | 219 |
| <i>Verwerfung/ rejection/ forclusion</i> . . . . .         | 230 |
| <i>Zwang/ obsession / contrainte</i> . . . . .             | 241 |
| <i>Trieb/ instinct/ pulsion</i> . . . . .                  | 251 |
| <br>   |     |
| IV. CONCLUSÃO . . . . .                                    | 272 |
| <br>   |     |
| Agradecimentos . . . . .                                   | 281 |
| Apêndices: . . . . .                                       | 283 |
| A) Perto da palavra, longe do texto . . . . .              | 283 |
| B) Nota sobre a tradução dos compostos alemães . . . . .   | 287 |
| C) As objeções ao termo “frustração” . . . . .             | 291 |
| Referências bibliográficas . . . . .                       | 295 |

# I. Estilo e terminologia de Freud

Em 1930 sucederam dois fatos decisivos para a reputação literária de Freud: ele recebeu o Prêmio Goethe da cidade de Frankfurt e foi objeto de estudo de um renomado crítico suíço, Walter Muschg, num ensaio intitulado, de maneira simples e pertinente, “Freud como escritor”.<sup>1</sup>

Sua qualidade de mestre da prosa alemã já fora reconhecida por vários de seus contemporâneos. Mas a conquista do prêmio que levava o nome do mais reverenciado autor alemão causaria uma impressão maior que qualquer testemunho. Ao mesmo tempo, confirmando talvez, mais uma vez, o dito de que “a fama é a soma dos mal-entendidos em torno de um nome”, despertaria interpretações variadas e até mesmo opostas. Pois alguns viram nela o indício de que os méritos de Freud — como os métodos mesmos

<sup>1</sup> Muschg, “Freud als Schriftsteller”, em *Die Zerstörung der deutschen Literatur*. Berna: Francke, 3ª ed., 1958, pp. 303-47. Sobre a concessão do Prêmio Goethe, cf. Ernest Jones, *Sigmund Freud: life and work*, v. III. Londres: Hogarth Press, 1974 [1957], p. 161; e Peter Gay, *Freud: a life for our time*. Nova York: Norton, 1988, pp. 571-2.

— eram sobretudo ou exclusivamente literários, mascarando veleidades científicas; enquanto outros chegaram a negar resolutamente que o Prêmio Goethe fosse literário.<sup>2</sup>

O próprio Freud se regozijou com o prêmio (não deixava de ser um consolo pelo fato de se ver preterido para o Nobel),<sup>3</sup> e em nenhum momento parece ter se equivocado quanto à sua natureza, como se depreende do texto que redigiu para a cerimônia de entrega, na casa natal de Goethe, em Frankfurt, no qual discerne prenúncios de concepções básicas da psicanálise na obra do grande “artista e pesquisador”.<sup>4</sup> Conhecendo intimamente a obra de Goethe — o autor que mais citava, juntamente com Shakespeare —, sabia como era impróprio distinguir o sábio do poeta, o cientista do escritor. Toda a vida ele desconfiou da ênfase nas qualidades do seu estilo, enxergando nela uma possível “resistência”, um tácito desdém ao teor do que dizia. Mas isso não significava ingenuidade ou ignorância dos próprios recursos. Pelo contrário, tinha plena consciência deles, e isso desde a juventude. Numa carta escrita aos dezessete anos, informando ao amigo Emil Fluss os resultados das provas de conclusão do secundário, revela que o professor de alemão elogiara seu estilo, e de modo brincalhão diz ao amigo que este pode estar se correspondendo, sem o saber, com um mestre da prosa alemã;

<sup>2</sup> “*Le prix Goethe, dont on parle beaucoup, n’est absolument pas un prix littéraire*”, P. Cotet, intervenção nas *Cinquèmes assises de la traduction littéraire* (Arles 1988). Arles: Actes Sud, 1989, p. 80.

<sup>3</sup> Cf. *The diary of Sigmund Freud 1929-1939*, edição facsimilar, tradução, notas e introdução de Michael Molnar. Londres e Nova York: The Freud Museum/Macmillan, 1992, p. 8, anotação do dia 6 de novembro de 1930: *Im Nobelpreis endgiltig übergangen* — “Definitivamente ignorado para o Prêmio Nobel”.

<sup>4</sup> GW XIV, 547-50; SE XXI, 208-12. As referências à *Standard edition* e aos *Gesammelte Werke* serão feitas deste modo: apenas as iniciais, seguidas do número do volume em algarismos romanos e do número da página em arábicos, após uma vírgula. Todas as citações são traduzidas por mim, do original alemão. A referência à *Standard* é feita por se tratar da edição mais difundida.

portanto, acrescenta, “guarde essas cartas com todo o cuidado; nunca se sabe”<sup>5</sup>

Se nos seus escritos é raro encontrarmos apreciações de sua própria escrita e do ato de escrever, isso se deve talvez à segurança de quem, sabendo-se rico, não vê necessidade de chamar a atenção para a própria riqueza. Ou poderíamos relacionar esse aparente descaso à evolução etimológica do adjetivo *bescheiden*, “modesto”, que outrora significou “instruído, experimentado”,<sup>6</sup> acepção que persiste no verbo de mesma grafia e nas expressões *Bescheid geben* (“comunicar”) e *Bescheid wissen* (“saber, estar a par”). A *Bescheidenheit*, “modéstia”, seria então inevitável para quem “sabe”...

Hoje em dia sabemos que ele teve Lessing como modelo. Esta revelação não se acha em nenhuma obra, mas no livro de memórias de um analisando.<sup>7</sup> Na *Psicopatologia da vida cotidiana* lemos a seguinte consideração sobre o estilo em geral: “Um modo de escrever claro e inequívoco nos mostra que o autor está em harmonia consigo mesmo, e onde vemos uma expressão forçada e tortuosa [...] podemos reconhecer a ação de um pensamento complicador, insuficientemente trabalhado, ou a voz abafada da autocrítica do autor”.<sup>8</sup> Seria precipitado afirmar que o prosador Freud está sempre e a cada momento em harmonia consigo mesmo. Isto significaria

<sup>5</sup> Carta de 16 de junho de 1873, em *Briefe 1873-1939*. Frankfurt: Fischer, 1960, p. 6 (trata-se de uma seleção de cartas endereçadas a muitas pessoas, sobretudo a Martha Bernays, sua noiva e futura mulher).

<sup>6</sup> Cf. F. Kluge, *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*. Berlim: De Gruyter, 20ª ed., 1967.

<sup>7</sup> Cf. Joseph Wortis, *Fragments of an analysis with Freud*. Nova York: Charter, 1963, p. 109. São características da prosa de Lessing a clareza e a vivacidade. Segundo Emil Staiger, ele possui um “estilo racional”, em que as partes são nitidamente limitadas e harmoniosamente ligadas. O conjunto ressalta, sem esconder a interdependência das partes. “Isso leva ao estilo hipotático, no qual as conjunções lógicas têm papel significativo.”

<sup>8</sup> GW IV, 122; SE VI, 101.

que todas as milhares de páginas que escreveu são igualmente claras e fluentes, quando sabemos que variam conforme o assunto tratado, o tipo de texto, a disposição ou estado de espírito em que foram produzidas etc. Assim, um relato clínico não exhibe o grau de abstração requerido por um ensaio teórico, e uma síntese destinada ao público leigo difere essencialmente de um *paper* que proponha novos caminhos, apresentado a colegas de pesquisa. Algum trecho difícil e controverso, num dos trabalhos “metapsicológicos”, por exemplo, poderia ser fruto de uma ideia insuficientemente pensada, expressa de maneira demasiado elíptica, canhestra, onde interfira a “voz abafada da autocrítica do autor”.

A própria variedade e abundância da produção parece impedir uma generalização taxativa sobre o estilo de Freud. Um dos diretores da nova edição francesa de Freud, Pierre Cotet, elencou de modo admirável os diversos estilistas que estariam presentes em Freud. Segundo ele, há:

“— o filósofo e didata da metapsicologia;

“— o dialético da *Psicologia das massas*;

“— o conferencista real ou imaginário das *Conferências* e das *Novas conferências*;

“— o ensaísta da *Recordação de infância de Leonardo da Vinci*;

“— o orador das ‘Considerações atuais sobre a guerra e a morte’;

“— o debatedor que encontra, em *Totem e tabu* ou na *Análise de uma histeria*, o movimento mesmo de uma reunião pública;

“— o polemista da *Contribuição à história do movimento psicanalítico*;

“— o procurador que ajusta as contas com Jung, Adler ou Janet;

“— o panegirista de Charcot;

“— o biógrafo ou o exegeta de Moisés;

“— o memorialista de si mesmo (*Estudo autobiográfico*);

- “— o prefaciador de ao menos quinze obras de confrades;
- “— o linguista de ‘O inquietante’ (‘Das Unheimliche’);
- “— o poeta das horas de graça concedidas pela natureza (‘A transitoriedade’), pelo romance (*Gradiva*), pela comédia shakespeariana (‘O tema da escolha do cofrinho’);
- “— o cronista de seus próprios sonhos ou de seus lapsos, inclinado à confiança ou à confissão;
- “— o dialoguista que sabe fazer falar tanto o pequeno Hans como o interlocutor imparcial da ‘Análise leiga’;
- “— o contador das ‘Lembranças encobridoras’;
- “— o folhetinista da Viena burguesa, com suas ruas, suas moradias, seus pátios, suas escadas, suas alcovas;
- “— o miniaturista do ‘Bloco mágico’;
- “— o humorista que gosta de ditos espirituosos e analisa aqueles dos outros;
- “— o mestre do aforismo, de todas as formas de imagens, comparações e metáforas, do paralelo, da citação que ele explora ou do exergo de que se apropria”.<sup>9</sup>

Em suma, diz Cotet: *Si Freud a du style, il n’a pas un style, peut-être a-t-il même tous les styles* (“Se Freud tem estilo, ele não tem um estilo, talvez tenha mesmo todos os estilos”). Esta frase, sedutora como a lista que resume, peca não somente pela hipérbole, como pela imprecisão. Pois, tal como a listagem, mistura gêneros literários, estilos, perspectivas e modos de abordagem. Ela traz à lembrança a singela avaliação que Nietzsche fez de si mesmo como prosador, no fascinante “estudo autobiográfico” a que deu o título

<sup>9</sup> Cotet, op. cit., pp. 79-80; essa lista é reproduzida, com pequenas variações, em P. Cotet, A. Bourguignon, J. Laplanche e F. Robert, *Traduire Freud*. Paris: PUF, 1989, pp. 23-4 (Ed. bras.: *Traduzir Freud*, tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, pp. 30-1).

de *Ecce homo*.<sup>10</sup> No caso de Freud, não é preciso recorrer a extremos para caracterizá-lo como escritor. É sem dúvida espantosa a sua gama de recursos, e a diversidade de seus escritos. Mas pode-se preferir enfatizar a unidade interna, aquilo que permite reconhecer como sendo do mesmo indivíduo tanto as primeiras como as últimas coisas que escreveu, as cartas do adolescente e os bilhetes do octogênio, e tanto os trabalhos mais simples como os mais complexos, as “Cinco lições de psicanálise” e o capítulo VII da *Interpretação dos sonhos*. Tudo o que ele produziu, em décadas de labor incessante, foi feito em obediência a uma profunda, inescapável necessidade de expressão. Uma lembrança da psicanalista e tradutora inglesa Joan Riviere, que foi analisada por Freud, é bem reveladora quanto a isso. Ela conta que, ao mencionar uma explicação que lhe ocorrera para algo, ele a exortou para que registrasse aquilo: “Escreva isso, coloque no papel; é a melhor maneira de lidar com isso”; e a recomendação se repetiu em outras ocasiões: “Bote para fora, faça algo com isso, dê-lhe uma existência independente da sua”.<sup>11</sup>

A mais completa edição dos textos de Freud compreende 23 volumes de em média trezentas páginas. Ela não inclui os trabalhos de neurologia, que estão sendo publicados na Inglaterra e na Alemanha, em quatro volumes. Da enorme correspondência de Freud — que, segundo Gerhard Fichtner, pode ter chegado a 20 mil cartas —<sup>12</sup> apenas alguns volumes, em geral com as cartas enviadas

<sup>10</sup> F. Nietzsche, *Ecce homo: como alguém se torna o que é*, tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 [1985], cap. 3, “Por que escrevo tão bons livros”, seção 4: “[...] considerando que a multiplicidade de estados interiores é em mim extraordinária, há em mim muitas possibilidades de estilo — a mais multifária arte do estilo de que um homem já dispôs”.

<sup>11</sup> Joan Riviere, “A character trait of Freud’s”, em H. Ruitenbeek (org.), *Freud as we knew him*. Detroit: Wayne State University Press, 1973, p. 354.

<sup>12</sup> Gerhard Fichtner, “Freuds Briefe als historische Quelle”, *Psyche*, v. 43, 1989, pp. 803-29. Esse artigo me foi gentilmente enviado pelo autor, que é professor apo-

e recebidas de um determinado amigo ou discípulo, chegaram a ser editados.<sup>13</sup> Tal como as obras, essas cartas eram escritas à noite, após um dia inteiro de atendimento clínico. Isso levou à crença de que ele escrevia com natural facilidade, rapidamente, sem necessidade de correções ou revisões. Reminiscências como a do antropólogo Abraham Kardiner, que também foi paciente de Freud, pareciam confirmar isso: “Tudo o que ele dizia estava praticamente pronto para ser impresso [...]. Freud falava como um livro. Seus manuscritos tinham o mesmo caráter: ele quase nunca riscava uma palavra”.<sup>14</sup>

Essa afirmação, que também autores mais avisados subcreveram,<sup>15</sup> foi contestada pelas pesquisas recentes de Ilse Grubrich-Simitis. Frequentando o Arquivo Freud da Biblioteca do Congresso, em Washington, ela deparou com manuscritos que se acreditavam perdidos ou destruídos, e que constituem, em sua maior parte, versões preliminares de obras publicadas.<sup>16</sup> Verificou então que os textos de Freud eram produto de vários estágios de elaboração.

sentado do Instituto de História da Medicina da Universidade de Tübingen, na Alemanha.

<sup>13</sup> São as correspondências com Abraham, Jung, Ferenczi, Lou Salomé, Jones, E. Silberstein, O. Pfister, L. Binswanger, G. Groddeck, E. Weiss, A. Zweig, S. Zweig e outros; elas foram precedidas por aquela seleção de cartas a muitos interlocutores diferentes: *Briefe 1873-1939*, op. cit.

<sup>14</sup> Kardiner, “Freud: the man I knew, the scientist, and his influence”, em Benjamin Nelson (org.), *Freud and the 20th Century*. Londres: Allen & Unwin, 1958, pp. 46-58.

<sup>15</sup> Cf. Patrick Mahony, *Freud as a writer*. New Haven: Yale University Press, edição ampliada, 1987, pp. 2-6.

<sup>16</sup> Grubrich-Simitis, *Zurück zu Freuds Texten: stumme Dokumente sprechen machen*. Frankfurt: Fischer, 1993. Há tradução brasileira: *De volta aos textos de Freud: dando voz a documentos mudos*. Rio de Janeiro: Imago, 1995; para uma crítica dessa tradução, ver a resenha que publiquei no jornal *Folha de S. Paulo*, caderno Mais, 5 de novembro de 1995; incluído na coletânea *Freud, Nietzsche e outros alemães*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.